

Apresentação

EM UM MUNDO EM COLAPSO, OS DESAFIOS DAS LUTAS FEMINISTAS¹

Tatiana Dahmer Pereira²
Maria Cristina Paulo Rodrigues³

O presente número da Revista Trabalho Necessário que chega às suas mãos apresenta artigos, registros históricos e artísticos, entrevista e resenha, os quais circulam em torno de tema delicado e fundamental para a formação humana em nossa sociedade periférica ocidental: articulam conteúdos relacionados ao trabalho, às lutas feministas e estudos de gênero, raça e classe social no Brasil e na América Latina.

Organizada em pleno ano em que se instala a pandemia mundial da Covid-19, com rebatimentos graves sobre as condições concretas de vida em nosso país fomentados pelas diretrizes de ação do governo federal, têm sido mulheres (especialmente as negras e indígenas) e segmentos mais pauperizados da classe trabalhadora que vivenciam os impactos mais perversos gerados não apenas pela doença, mas em função do agravamento da crise capitalista e dos caminhos governamentais adotados para o trato dessas questões.

Neste sentido, a revista é construída não apenas em um momento que aglutina tanto a crise aguda da pandemia, quanto as consequências do aprofundamento da crise estrutural do capital (MÉSZAROS, 2011). Esse contexto tem sido vivenciado com o recrudescimento do conservadorismo, alimentando a permeabilidade cada vez

¹Apresentação submetida em 19/02/2021. Aprovada pelos editores em 20/02/2021. Publicada em 25/02/2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v19i38.48812>

² Doutora em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR-UFRJ), docente e pesquisadora do PPGSSDR-UFF, formada em Serviço Social (UFRJ). Pesquisadora apoiada pelo CNPq. Integrante do TEIA – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Trabalho, Educação e Serviço Social (ESS-UFF)
E-mail: tatianadahmerpereira@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2619212275317172>.
ORCID:0000-0002-1096-8950

³ Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ); Professora Adjunta da ESS/UFRJ; estudiosa da área do trabalho e dos movimentos sociais. Integrante do TEIA – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Trabalho, Educação e Serviço Social (ESS-UFF); e do Neddade (Núcleo de Estudos, Documentação e Dados em Trabalho-Educação) - FEUFF. E-mail: mcristina@id.uff.br;
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0279905252377710>. ORCID: 0000-0003-0545-2260

maior da cristianização de práticas por dentro das estruturas do Estado. Imbricado a isso, ressaltamos o agravamento de nossas marcas colonialistas e elitistas materializadas na banalização da criminalização dos pobres, das pessoas negras e indígenas, da xenofobia e dos sexismos, naquilo que Mascaro (2019) enuncia como sendo a “crise brasileira (...) em essência, tanto reflexo de uma crise do capital mundial quanto uma crise da política em sua forma de desaguadouro” (p.25).

É nesse sentido que o messianismo e os embates polarizados e marcados pela influência da manipulação midiática e das redes sociais, alimentam-se de fake news e utilizam o ódio (especialmente nas suas marcas elitistas, sexistas e raciais) e a confusão como mediação social, relegando a política ao esvaziamento como espaço de diálogo e construção coletiva.

As escolhas e possibilidades de organização deste número não passam ao largo de tais questões e nos apresentaram desafios importantes no registro sobre resistências e acúmulos das mulheres e de homens que estudam criticamente e militam em torno de lutas feministas e combatem racismos, assim como pelo direito à diversidade de gênero e sexual.

Nesse sentido, a temática em tela assume urgência e importância para a *Trabalho Necessário*, que, sendo uma revista dedicada ao campo da formação humana, deve estar aberta e comprometida com a análise das complexas relações e mediações que estruturam e organizam a existência humana e a vida social.

Tendo por ementa a premissa que as relações de gênero, classe social e de raça são, historicamente, fundamentos da vida social e expressam opressões vivenciadas na carne e no cotidiano por parte significativa das pessoas, não há como partilhar de leitura homogeneizadora e universalizante sobre o ser humano sem que enfrentemos questões específicas que acentuam opressões, desigualdades, exclusões e violações no capitalismo, especialmente aquelas propaladas a partir do próprio Estado e de suas estruturas institucionais voltadas prioritariamente à garantia da extração de valor (KURZ, 2018).

Aqui vocês encontram estudos e reflexões críticas sobre construções históricas relacionadas aos papéis sociais de gênero, à racialização das pessoas e à construção desigual na relação entre as classes sociais. Tais marcações expressam compreensões hierárquicas e discriminatórias em relação aos seres humanos e especificam violações presentes na própria construção do sentido do trabalho no

capitalismo. Isso não é secundário nem tampouco menor, na medida em que as injustiças e violações não se distribuem nem são sentidas igualmente por todos(as) aqueles(as) que compõem diferentes segmentos da classe trabalhadora.

Conhecer, pesquisar, problematizar e entender a dinâmica de nossa formação socio-histórica e como se forjam os sujeitos na história necessariamente é reconhecer essas diferentes identidades, as quais não se somam e tampouco se hierarquizam como dimensões, mas se conformam em marcações objetivas as quais permitem que algumas vidas valham menos do que outras, ou que valham nada.

A Revista divide seus conteúdos entre diferentes seções. Já em sua abertura, a homenagem materializa-se na Seção **Clássico**. Milhares de mulheres merecem nossa homenagem pela forma corajosa com que lutam pela emancipação humana. Algumas delas são especiais! É o caso de **Alexandra Kollontai**, revolucionária russa que, em 1917, ocupou o posto de Comissária de Saúde do Governo Soviético. Para ela, trabalho, casamento, família, divórcio, maternidade, sexualidade, entre outros, eram questões a ser debatidas e enfrentadas cotidianamente e, em especial, pelo Estado, tendo em vista a constituição de relações sociais entre homens e mulheres, fundadas no amor-camaradagem (elemento fundamental do processo de construção de uma sociedade verdadeiramente humana). Nesse sentido, brindamos os leitores com o texto de Kollontai intitulado *Abram caminhos para o eros alado (Uma carta para a juventude operária)*. Ainda na mesma seção, indo ao encontro de nossa homenagem póstuma, **Denise Santana Maia e Cláudio Félix dos Santos** apresentam o artigo *A luta contra a opressão da mulher em Alexandra Kollontai*, trazendo-nos a vida e obra dessa militante no enfrentamento da luta contra a exploração, a opressão de classe e de gênero como desafios do socialismo.

Na Seção **Artigos Temáticos**, encontramos a riqueza de reflexões oriundas de distintos lugares institucionais, vivências pessoais/políticas e nacionalidades, distribuída ao longo de 12 (doze) artigos.

Amaia Pérez Orozco, em seu artigo *El conflicto capital-vida: aportes desde los feminismos*, nos apresenta elementos os quais permitem nomear importante contradição estrutural acirrada com o desenvolvimento das relações produtivas. Sua leitura marxista, ecológica e feminista, a partir da realidade dos países do hemisfério

Sul, é incisiva quanto à total inviabilidade da relação entre desenvolvimento predatório do capital e a sustentabilidade da vida em todas as suas formas.

No artigo *Desengavetando gênero à luz dos feminismos no Brasil*, **Tatiana Dahmer Pereira** traz uma reflexão sobre as diversas formas de resistência dos movimentos de mulheres e feministas, tomando a particularidade da formação social brasileira, atenta ainda às contradições e tensões que transbordam para o campo acadêmico, este que não está imune à naturalização das opressões. Sem desconhecer estes limites, a autora destaca que um dos legados das “mulheres em movimento” tem sido a de que “não se deve constituir novas definições conceituais universalizadoras sobre a existência das mulheres”.

Luciana Sardenha Galzerano, ancorada num criterioso referencial teórico, expõe no artigo *A Ofensiva Antigênero na Sociedade Brasileira*, o embate entre o (diverso e às vezes polêmico) campo dos *estudos de gênero* e o discurso da *ideologia de gênero*, analisando como este último repercute no Brasil a partir da atuação dos setores religiosos e conservadores, assumindo também papel importante na disputa em torno das políticas sociais, mormente a Educação, através do *Escola sem Partido*. O artigo de **Hildete Pereira de Melo e Lucilene Morandi**, intitulado *A divisão sexual do trabalho no contexto da pandemia*, analisa os impactos perversos sobre a vida das mulheres no contexto atual da pandemia de Covid-19 no Brasil. Reflete sobre como as desigualdades históricas e estruturais acirram-se com a crise sanitária e a estagnação econômica, fortalecendo inserções femininas precárias no mercado de trabalho e acentuando sobrecarga no trabalho doméstico não remunerado e nas atividades de cuidado para as mulheres.

A partir de pesquisa fundada no pensamento crítico decolonial, **Verônica Souza de Araújo e Rachel Barros**, no artigo *"Cuida de quem te cuida": a luta das trabalhadoras domésticas durante a pandemia de covid-19 no Brasil*, problematizam os impactos da pandemia de Covid-19 sobre as trabalhadoras domésticas brasileiras, categoria formada majoritariamente por mulheres negras. Tendo a colonialidade e o racismo estrutural como elementos de nossa formação social, ilustra essa dura (e invisibilizada) realidade a partir de casos recentes de violação de direitos, e sistematiza algumas formas de resistência de organização trabalhista da categoria.

Jéssyka Ribeiro e Guilherme Almeida, no artigo *De quem é o corpo que compõe a força de trabalho? Trabalhadores/as trans em contexto de pandemia de*

covid-19, fazem importante reflexão sobre a difícil inserção deste grupo populacional no mercado de trabalho, dificuldade relacionada principalmente à sua identidade de gênero (que também afeta sua permanência na escola e em outras esferas da sociabilidade). Os autores denunciam tal condição, que se agudiza em um contexto de grave crise econômica, sanitária, política e social, apontando para a necessidade urgente de políticas públicas que reconheçam a multiplicidade de corpos que compõem a força de trabalho.

Anna Violeta R. Durão, em “*A naturalização do feminino e o trabalho comunitário em saúde: a experiência de ser mulher trabalhadora no Programa de Agentes Comunitários de Saúde*”, traz uma grande contribuição para a área Trabalho- Educação e a saúde, quando se reporta às ACSs como “trabalhadoras” da saúde, com toda a sua contradição em termos de constituição histórica articulada à conformação do feminino. Respalda-se em E. P. Thompson como companheiro de viagem para realizar a sua análise, com conceitos consistentes do materialismo histórico-dialético, denunciando o que propõe a política para o setor da saúde e anunciando como essa política se inscreve nos sujeitos que vivem os processos e as experiências - no caso em tela, a maioria de mulheres.

O artigo *Universidade e Trajetórias Profissionais: uma leitura a partir das relações de gênero*, de **Paolla Cappellin e Jorge Custódio**, apresenta o resultado de pesquisa realizada entre 1993 e 2013, acompanhando 10 jovens trabalhadores (homens e mulheres) das classes populares cariocas em seu esforço para entrar e cumprir a formação em universidades públicas do Rio de Janeiro, num contexto de crise econômica e política. Em que pese a proximidade quanto às motivações e a satisfação na obtenção do diploma, o estudo aponta para a persistência de ambiguidades entre tradição e inovação nas relações de gênero, tanto na família quanto no ambiente de trabalho, afetando especialmente as mulheres.

Com base na narrativa de sua história pessoal, **Giovana Xavier**, no artigo *Grupo Intelectuais Negras UFRJ: a invenção de uma comunidade científica e seus desafios*, conduz reflexão sobre desafios da construção e consolidação de uma educação transgressora, objetivando a formação de comunidade científica negra feminista. Como a autora situa, fundamenta-se em paradigmas da história social para visibilizar e consolidar no meio acadêmico “formas de agir, pensar e produzir saberes empreendidos por mulheres negras em tempos e espaços distintos”.

O artigo de **Nilsa Maria Conceição dos Santos**, intitulado *Da Sanga a Paris: discursos de mulheres negras velhas sobre trabalho*, traz um estudo qualitativo com seis mulheres negras (com idade entre 72 e 86 anos), com experiências escolares e de trabalho variadas. Ao incorporar à tripla discriminação – gênero, raça e classe – um quarto elemento, a velhice, a autora, ao mesmo tempo que denuncia o silenciamento da experiência e da narrativa dessas mulheres, nos aproxima do debate sobre os sentidos do trabalho e as contradições em relação aos papéis “destinados” às mulheres e seus respectivos lugares de pertencimentos.

Em *Violência de gênero e desigualdade racial em uma pesquisa com mulheres no território conflagrado do conjunto de favelas da Maré/Rio de Janeiro*, **Miriam Krenzinger, Patrícia Farias, Rosana Morgado e Cathy McIlwaine** apresentam dados e reflexões resultantes de rica pesquisa de campo no maior complexo de favelas da capital fluminense sobre a multidimensionalidade e implicações da violência de gênero em um contexto que, segundo as autoras, é predominante uma territorialidade urbana racializada, com precária infraestrutura e desigualdade de acesso a direitos. Nesse cenário, em que o Estado é tolerante com a violência, as autoras esperam que o estudo contribua para a “construção de políticas de enfrentamento às violências que integrem de forma mais aprofundada as dimensões de raça/cor, gênero, classe social e de território presentes nas sociedades contemporâneas”.

Renata Lewandowski Montagnoli e Liane Vizzoto, no artigo *A Fogueira que queimou a alma ontem incinera a Educação hoje: a perseguição aos estudos de gênero*, trazem ao debate o tema candente da perseguição aos estudos sobre gênero e diversidade nas escolas, a partir da análise das ações que chegaram ao STF, entre 2016 e 2019, movidas por órgãos de classe da área da educação e por partidos de esquerda e centro esquerda, em defesa da sua constitucionalidade. E que resultam da disputa não apenas dentro das escolas, entre forças progressistas e conservadoras, com destaque ao Escola sem Partido.

Fotos inspiradas e muito potentes ilustram o **Ensaio Fotográfico** de **Priscila Castro**. Intitulado *Escuta as manas: a experiência e a construção da arte urbana de gênero no Rio de Janeiro*, o trabalho é resultado de pesquisa realizada para o doutorado (PPGSS/UERJ; 2020), e além de nos revelar a arte do graffiti feito por mulheres no espaço urbano do Rio de Janeiro, nos permite “ouvir” suas vozes, falando

de preconceitos, discriminação, mas também identidade, solidariedade e liberdade a partir da ampliação das percepções políticas e pedagógicas da arte como instrumento das lutas feministas.

O gênero do trabalho operário: condições de trabalho, divisão sexual e práticas sociais em indústrias metalúrgicas dos segmentos automotivo e eletroeletrônico. Este é o nome do livro de Thaís de Souza, publicado pela Editora Lutas Anticapital (2020) e analisado por **Liliane Bordigon** na Seção **Resenha**. Para **Liliane**, a pesquisa contribui com a compreensão da existência de “duas fábricas paralelas” nas quais as mulheres trabalham: a metalúrgica e a casa. Recomenda a leitura para os/as que desejam compreender como ocorre no tempo presente a produção de mercadorias e da vida.

A **Entrevista** desse número conta com a valiosa participação de **Lucia Maria Xavier de Castro**, ativista feminista negra histórica, criadora da **ONG Criola**. Com sua lucidez e inteligência, numa conversa conduzida por **Jacqueline Botelho, Tatiana Dahmer Pereira e Maria Cristina Paulo Rodrigues**, Lucia Xavier recupera sua história/trajetória de formação pessoal e política encadeada na história do país e dos movimentos de mulheres negras pela vida, por dignidade e por direitos.

A Seção **Teses e Dissertações** é composta, neste número, por três relevantes trabalhos, em total acordo com a análise crítica do real e da temática em tela. Sob o título “*Mulheres dos Escombros*”: *a condição das mulheres periféricas em tempos de catástrofes*, **Scheilla Nunes Gonçalves** apresenta as ideias principais da sua tese de doutorado (PPGSS/UFRJ), propondo que a análise sobre as condições de vida das mulheres (incluída a violência a que são submetidas) deve ser pensada desde a periferia do capitalismo sob o aprofundamento da crise civilizacional contemporânea. No diálogo com a *crítica do valor* (em KURZ e SCHOLZ) e Menegat, sobre a realidade brasileira, a autora se preocupa em “evidenciar a relação violenta entre desenvolvimento das forças produtivas, direitos e punição.”

Célia Barbosa da Silva Pereira nos apresenta sua tese de doutorado (PPGPS-UFES). Intitulada *A relação entre movimento feminista e partidos políticos no Brasil*, sua pesquisa acurada e bem fundamentada nos traz elementos importantes para pensarmos os cursos dos movimentos sociais (em particular os feministas na sua complexidade) e as formas organizativas institucionalizadas no contexto da crise capitalista.

A dissertação de **Priscila Moreira Borges**, intitulada *Trabalhadoras do Brasil, uni-vos: a Central Única dos Trabalhadores (CUT) - uma história escrita sob uma perspectiva de gênero*, buscou analisar as relações de gênero na trajetória da Central Única dos Trabalhadores (CUT) entre os anos de 1983 e 2010, percebendo o processo de desigualdade que ainda persiste nos organismos de poder da entidade. O estudo é relevante na medida em que traz uma inter-relação entre gênero-sindicalismo-participação política das mulheres trabalhadoras, além de apresentar os condicionantes que dificultam a participação das mulheres na vida sindical, não apenas por sua tripla jornada, mas sobretudo pela forte presença do patriarcado no movimento sindical.

A Seção **Memória e Documentos** traz o texto de **Leila Barsted**, advogada e militante feminista histórica. Sob o título de *Quem ama não mata. Temos que voltar às ruas!*, a autora nos brinda com a recuperação de uma campanha realizada pelos movimentos feministas, nos anos 1980, contra a violência que tirava a vida das mulheres e encontrava nas instituições brasileiras a leniência em favor do poder patriarcal. A importância do texto está tanto no resgate dos desdobramentos e conquistas que se seguiram às lutas feministas, quanto no alerta de que essas não são garantias imutáveis – como o recrudescimento do conservadorismo atual comprova – e, por isso, o chamamento para a volta às ruas.

Este denso, rico e atual material que reunimos no número 38 da Revista Trabalho Necessário não esgota, com certeza, os desafios teórico-práticos que a temática de “gênero” encampa. No entanto, o esforço e a seriedade demonstrado por nossas autoras e autores no trato do seu “objeto” de pesquisa apontam para a complexa articulação entre as várias dimensões da opressão, da desigualdade, da exploração/dominação e exclusão no capitalismo contemporâneo, o que definitivamente não pode ser analisado e enfrentado sem o reconhecimento da interseção entre classe, raça, gênero.

É por isso também que, ao contrário do que afirmam os militantes do Escola sem Partido e de vários outros grupos conservadores, a Escola (em todos os níveis) é lugar, sim, do debate sobre desigualdades sociais, opressões raciais e as “questões de gênero” (FRASER, 2019; FRIGOTTO, 2017).

Esperamos que as reflexões aqui reunidas contribuam para o avanço neste debate e na formulação de políticas e práticas sociais sustentadas na defesa substancial da justiça, da igualdade na diversidade e da liberdade.

Boa Leitura!

Referências

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. In: Heloísa Buarque de Hollanda (org.) **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org). **Escola “sem” partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

KURZ, Robert. **A crise do valor de troca**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2018.

MASCARO, Alysson Leandro. Dinâmica da crise e do golpe: de Temer a Bolsonaro. Bolsonaro – **Margem Esquerda**. Revista da Boitempo 32. 1º semestre de 2019. São Paulo: Boitempo, 2019.

MÉSZAROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.